


Duas dimensões notórias e históricas da geografia brasileira

Fernanda Padovesi Fonseca

 0000-0002-4162-0965

Universidade de São Paulo.
São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: ferpado@usp.br

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 29 • nº 1 (2025)

ISSN 2179-0892

Como citar este artigo:

FONSECA, F.P. Duas dimensões notórias e históricas da geografia brasileira. **Geosp**, v. 29, n. 1, e-237745, jan./apr. 2025. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/237745>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2025.237745.pt>.



This article is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 License.

Este novo número da *Revista GEOUSP* que está à disposição do leitor traz um elenco de artigos que expressa de maneira enfática duas dimensões notórias e históricas da geografia brasileira. Apesar das oscilações institucionais nos diversos níveis da federação, a geografia é enraizada como disciplina escolar desde há muito no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, o que explica porque a maior parte dos cursos de graduação em geografia no Brasil é de licenciatura, inclusive no sistema federal. Assim, a formação de professores e as consequentes reflexões sobre o ensino da geografia (geografia escolar) desdobram-se naturalmente em nossa área do saber. No entanto, e esta história todos conhecem, a geografia, desde pelo menos os anos 1960, estrutura-se definitivamente também como uma área de produção de conhecimento científico, de produção de pesquisa científica nova (Faria, 2012). Estão aí as duas dimensões: a produção científica e a formação para o ensino. O que queremos ressaltar, e os artigos desse número da *GEOUSP* vão ilustrar, é que, embora essas dimensões existam, elas não são estanques; ao contrário, elas sempre existiram em nosso meio de forma amalgamada.

Quanto à produção científica, alguns centros são pioneiros e detiveram a exclusividade dessa condição durante algumas décadas. Esse foi o caso do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, cujos programas de pós-graduação no formato atual são da década de 1970, mas que já proporcionava defesas de mestrado e doutorado bem antes disso. No entanto, após a primeira década do século XXI essa condição de criação de conhecimento novo e especializado na geografia será difundida pelo Brasil com a expansão do sistema universitário federal e com a multiplicação dos programas de pós-graduação em geografia pelo país, com cursos de mestrado e de doutorado. Esses programas se alocam e convivem, via de regra, com as graduações de licenciatura em geografia, de onde em geral saem os alunos para a pós-graduação, estabelecendo um cenário em que as duas dimensões que estamos mencionando, costumeiramente, se encarnam nas mesmas pessoas. Isso porque, não raro, aliás, frequentemente, aqueles e aquelas que se envolvem com a geografia enquanto estudantes e depois como formados, terminam tendo experiências múltiplas acadêmicas e profissionais, tanto em atividades acadêmicas-científicas quanto em atividades de ensino, de geografia escolar. Quer dizer: por mais que os arranjos institucionais tendam, muitas vezes de forma impensada, a querer separar a pesquisa em geografia do ensino da geografia, a experiência da geografia na vida corrente impõe o diálogo constante dessas duas dimensões.

Algo que talvez pudesse ser de interesse para uma pesquisa sobre o desenvolvimento da geografia brasileira seria procurar fazer uma recuperação epistemológica do papel da geografia escolar na construção do pensamento geográfico. É que essa indistinção muito comum na nossa área, entre os próprios atores, ora pesquisadores, ora atuantes no mundo escolar, fez da geografia escolar um ambiente de elaboração, de criação própria que, por vezes, ultrapassa a mera pedagogização dos conteúdos estabelecidos pela dimensão científica da geografia. Isso é possível de ser vislumbrado na produção didática brasileira, mas também na produção de artigos acadêmicos que discutem ensino, reelaborando ou mesmo criando conteúdos novos a partir da pesquisa para o ensino, isso porque o autor (ou a autora) tem essa dupla face de ser pesquisador e atuar no sistema de ensino ao mesmo tempo. Voltamos a dizer: isso é uma realidade de nossa área e tem um valor epistemológico não avaliado e, provavelmente, subestimado. Neste número da *GEOUSP* essa realidade volta a se manifestar, como tantas outras vezes deve ter ocorrido.

Esse número traz um total de 14 artigos. Na seção de artigos gerais da revista foram publicados 7 artigos, sendo que 2 deles são de ensino, expressando essa quase indistinção entre as dimensões que mencionamos, como comentaremos logo adiante. E neste número da *GEOUSP*

temos a oportunidade de publicar o *Dossiê Ensino de Geografia* composto a partir de 6 artigos resultantes do Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), realizado em 2024. Esse conjunto visto em sua totalidade corrobora a argumentação apresentada anteriormente, pois nele nota-se uma nítida indissociação entre a pesquisa científica em geografia e o ensino de geografia, e o resultado não é apenas contribuições para o campo da geografia escolar, mas para a geografia de uma maneira geral.

Para melhor conhecimento do leitor apresentamos a seguir um rápido panorama dos artigos publicados começando por aqueles que tratam da geografia escolar.

No artigo “Rússia vs. Ucrânia: geopolítica no âmbito da geografia escolar sob o olhar da totalidade”, de Elisa Gomes Prestes, destacamos o caráter de criação que mencionamos sempre estar presente na geografia escolar. Trata-se de uma guerra em andamento e de difícil interpretação e a ideia da autora é dar um tratamento teórico ao tema, empregando um arcabouço conceitual específico que busca uma aplicabilidade curricular no âmbito da geografia escolar. Francisco Fernandes Ladeira e Tânia Seneme do Canto, no artigo feito em parceria de título “Tecnologias Digitais e Geografia Escolar: saberes docentes produzidos durante o Ensino Remoto Emergencial (2020-2021)”, abordam exatamente um dos pontos argumentados anteriormente: as práticas pedagógicas são criativas e, no caso da geografia, isso tem uma especificidade, pois aulas remotas empregando o espaço digital foram uma experiência e um saber adquiridos pelos docentes que é mais do que um saber profissional para as suas práticas. É um saber para a geografia em geral.

Os artigos pertencentes ao *Dossiê Ensino de Geografia* serão marcados por uma discussão mais direta sobre as práticas de ensino, sem prejuízo do que dissemos anteriormente. No artigo “Alfabetización docente para la educación geográfica”, Nubia Moreno Lache trata especificamente e minuciosamente de questões relacionadas à formação do professor de geografia, incluso a questão pedagógica. Em “Por uma Educação Geográfica Poderosa”, de Sonia Castellar e Carolina Machado Rocha Busch Pereira, as autoras resumem as linhas principais do que pretendia o ENPEG que deu origem ao dossiê que publicamos, ressaltando as preocupações epistemológicas nunca ausentes quando se trata da geografia escolar. Em “Ensino e aprendizagem em Geografia: três questões para analisar o futuro-presente”, Raquel Gurevich discute os novos contextos para o ensino de geografia e as novas relações a serem estabelecidas entre os saberes (geografia incluso) e as novas demandas sociais. Jerry Mitchel em “Ensinando o meio ambiente na geografia escolar: uma visão dos Estados Unidos” discutiu como ensinar sobre os impactos ambientais na educação geográfica, trazendo o modo como se trata disso nos Estados Unidos e enfatizando as relações das sociedades com o seu meio ambiente. Em “Conhecimento intuitivo e mudanças conceituais a partir da resolução de problemas físico-naturais: implicações para o ensino de Geografia”, Eden Correia Carli e Jerusa Vilhena de Moraes tratam de uma experiência pedagógica no ensino superior, com aplicabilidade na geografia escolar, a partir da resolução de um problema relacionado à climatologia. O objetivo é a identificação de conhecimentos intuitivos e a sua exploração para o aprendizado. Lorena Rocca e Lucio Antonio Leite Alvarenga Botelho em “A paisagem sonora como um ambiente de aprendizagem: a importância dos sons na construção do senso de lugar e na aprendizagem geográfica” trabalham com a experiência da delimitação dos lugares (da paisagem) a partir de referenciais não convencionais, como, no caso, os sons, o que nos leva a ideia de paisagens sonoras, algo que, sem dúvida, é de muito interesse para as práticas na geografia escolar.

Os outros artigos da GEOUSP expressam uma diversidade sempre presente na geografia diante das múltiplas possibilidades temáticas e de abordagem que seu objeto propicia. Vamos a eles. No artigo “Escala geográfica e *land grabbing*: capital financeiro e grilagem de terras no Matopiba”, Samuel Frederico e Marina Castro de Almeida, por meio da concepção de escala como construção social, colocam foco na complexidade fundiária do Matopiba e nos mecanismos empregados pelo capital financeiro no acesso e na apropriação dessas terras. Tratam também dos impactos resultantes dessa apropriação, por vezes indevida, tanto na natureza quanto nos povos e comunidades tradicionais. Ana Luiza Thomaz da Silva e Maria Elisa Siqueira Silva discutem a influência da arborização no clima urbano no artigo “Influência de espécies arbóreas no microclima urbano de cidades brasileiras”. As autoras se encontram na linha de pesquisa de Estudos Teóricos e Aplicados em Climatologia do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física (FFLCH-USP). Com base nos estudos já realizados sobre as espécies, o artigo organiza a função dessas árvores e sua respectiva contribuição na composição do microclima urbano. No artigo “Lugar geopsíquico: o encontro entre as dinâmicas terrestres e as dinâmicas psíquicas”, Juliana Maddalena Trifilio Dias faz uma reflexão incomum e interdisciplinar da geografia e a psicanálise e, desse modo, ela promove o diálogo de autores como Yi-Fu Tuan, David Lowenthal, Éric Dardel, J.K. Wright com Freud e Lacan, procurando a resposta para a seguinte pergunta: O que nos vincula aos lugares? Por sua vez, Leandro Aguiar e Souza em “Reprodução de lógicas pretéritas na produção de infraestruturas e espaços: o projeto do Rodoanel da RMBH” identifica numa certa lógica desenvolvimentista, vinculada ao rodoviarismo, o mesmo padrão de construção de infraestruturas que serve a um parcelamento da terra urbana que não favorece a vida social, ao contrário, favorece os setores especulativos. Já em “O significado do Território em Gottmann: do conceito político do espaço ao dilema da Segurança *versus* Oportunidade”, de Tiao Viesba Pini Inácio e Márcia da Silva, os autores recuperam as elaborações de um autor relevante, mas nem sempre lembrado na geografia, Jean Gottmann, para tratar de tema político contemporâneo que eles designam como a “ascensão do populismo de extrema-direita” em suas relações com o território.

Finalizando esse número da *GEOUSP*, destacamos a seção *Cartografias, imagens e outras expressões gráficas*, na qual foi publicado o artigo “Cartografar o tempo: a aceleração das comunicações postais no Brasil do século XIX”, de Thomáz Fortunato, que é muito interessante, pois não somente a representação do fenômeno expresso no título chama a atenção, mas porque o autor trata de explicitar as etapas do trabalho cartográfico necessário numa pesquisa histórica desse tipo, o que destaca a cartografia como um instrumento precioso de pesquisa, de produção de conhecimento.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- FARIA, Marcelo Oliveira de. *Em busca de uma epistemologia de geografia escolar: a transposição didática*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2012.
- GIROTTO, Eduardo Donizeti. Educação à distância e formação docente em geografia: um olhar a partir da geografia da educação. *Revista da ANPEGE*, v. 20, p. 1-36, 2024.
- OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: um retardo desnecessário. In: ALESSANDRI CARLOS, Ana Fani (org.). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 1999. p. 34-49.

Recebido: 01 Jun 2025
Aceito: 06 Jun 2025

FONSECA, F.P.